

Cadernos *Teologia  
Pública*

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (on-line)

Ano XXI | Número 178 | Volume 22 | 2025

**Teologia e lógicas plurais: desafios e perspectivas  
para o pensamento teológico latino-americano na  
atualidade vistos a partir do princípio pluralista**

Claudio de Oliveira Ribeiro

**Cadernos** *Teologia  
Pública*

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (on-line)

Ano XXI | Número 178 | Volume 22 | 2025

**Teologia e lógicas plurais: desafios  
e perspectivas para o pensamento  
teológico latino-americano na  
atualidade vistos a partir do  
princípio pluralista**

**Claudio de Oliveira Ribeiro**

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do  
Rio de Janeiro e professor do Programa de Pós-graduação  
em Ciência da Religião, da Universidade  
Federal de Juiz de Fora



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS



UNISINOS

**Cadernos Teologia Pública** é uma publicação do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, que busca ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica e a participação ativa nos debates que se desdobram na esfera pública da sociedade nas ciências, culturas e religiões, de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, constituem o horizonte da teologia pública.

## UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ  
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

## INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ  
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz  
Gerente administrativo: Nestor Pilz  
ihu.unisinos.br

### Cadernos Teologia Pública

Ano XXI – Vol. 22 – Nº 178 – 2025

ISSN 1807-0590 (impresso) | ISSN 2446-7650 (on-line)

**Editor:** Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

**Conselho editorial:** MS. Ana Maria Casarotti; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; MS. Guilherme Tenher Rodrigues; Profa. Dra. Susana Rocca.

**Conselho científico:** Ana Maria Formoso (Pontifícia Universidad Católica de Valparaíso, doutora em Educação); Christoph Theobald (Faculdade Jesuíta de Paris - Centre Sèvres, doutor em Teologia); Faustino Teixeira (UFJF-MG, doutor em Teologia); Felix Wilfred (Universidade de Madras, Índia, doutor em Teologia); Jose Maria Vigil (Associação Ecmênica de Teólogos do Terceiro Mundo, Panamá, doutor em Educação); José Roque Junges, SJ (Unisinos, doutor em Teologia); Luiz Carlos Susin (PUCRS, doutor em Teologia); Maria Inês de Castro Millen (CES/ITASA-MG, doutora em Teologia); Peter Phan (Universidade Georgetown, Estados Unidos da América, doutor em Teologia); Rudolf Eduard von Sinner (PUCPR, doutor em Teologia).

**Responsáveis técnicos:** Cleusa Maria Andreatta e Guilherme Tenher Rodrigues.

**Revisão:** Isaque Gomes Correa

**Imagem da capa:** Pixabay

**Projeto Gráfico:** Ricardo Machado

**Editores:** Guilherme Tenher Rodrigues

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos.  
– Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 20.  
Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.  
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).  
ISSN 2448-0304  
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos  
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil

# **Teologia e lógicas plurais: desafios e perspectivas para o pensamento teológico latino-americano na atualidade vistos a partir do princípio pluralista**

Claudio de Oliveira Ribeiro

**RESUMO:** Análise dos desafios e perspectivas da teologia latino-americana a partir de três eixos de avaliação, vistos a partir do princípio pluralista e conectados com o pensamento decolonial. O primeiro enfatiza a necessidade de alargamento metodológico para uma compreensão mais apurada da complexidade social, que possa fugir das explicações e formulações dicotômicas e bipolares, simplificadoras e redutoras da realidade e vise integrar perspectivas mais amplas e plurais de análise. O segundo reside em uma articulação mais adequada entre a racionalidade que marca a reflexão teológica latino-americana com as dimensões da subjetividade humana que emergem fortemente na atualidade, o que requer formas novas, gratuitas e mais autênticas de espiritualidade. O terceiro está em torno de um aprofundamento das questões que emergem da valorização do pluralismo, sobretudo o religioso, mas também o metodológico e o antropológico, e como tal positivação incide no fortalecimento da democracia, das práticas ecumênicas e de cunho libertador e da defesa dos direitos humanos e da terra.

**PALAVRAS-CHAVE:** Princípio pluralista. Decolonialidade. Teologia da Libertação. Espiritualidade.

# Theology and Plural Logics: Challenges and Perspectives for Latin American Theological Thought Today Seen from the Pluralist Principle

Claudio de Oliveira Ribeiro

**ABSTRACT:** Analysis of the challenges and perspectives of Latin American theology based on three axes of evaluation, seen from the pluralist principle and connected with decolonial thought. The first emphasizes the need for methodological expansion for a more accurate understanding of social complexity, which can escape from dichotomous and bipolar explanations and formulations, which simplify and reduce reality, and aim to integrate broader and more plural perspectives of analysis. The second resides in a more adequate articulation between the rationality that marks Latin American theological reflection and the dimensions of human subjectivity that strongly emerge today, which requires new, free and more authentic forms of spirituality. The third is around a deeper analysis of the issues that emerge from the valorization of pluralism, especially religious, but also methodological and anthropological, and how such positivity affects the strengthening of democracy, ecumenical and liberating practices and the defense of human rights and land.

**KEYWORDS:** Pluralist principle. Decoloniality. Liberation Theology. Spirituality.



# Teologia e lógicas plurais: desafios e perspectivas para o pensamento teológico latino-americano na atualidade vistos a partir do princípio pluralista

Claudio de Oliveira Ribeiro

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e professor do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora

## INTRODUÇÃO

*Quero a utopia, quero tudo e mais  
Quero a felicidade nos olhos de um pai  
Quero a alegria muita gente feliz  
Quero que a justiça reine em meu país  
("Coração civil", de Milton Nascimento).*

*O reino dos céus é semelhante ao fermento,  
que uma mulher toma e introduz  
em três medidas de farinha,  
até que tudo esteja levedado.  
(Mateus 13,33)*

Nos últimos anos, temos procurado reunir reflexões que visem responder, ainda que modesta e parcialmente, às demandas de revisão, recriação e aprofundamento da teologia latino-americana a partir do que estamos chamando de princípio pluralista (Ribeiro, 2020). Nossa preocupação principal é o oferecimento desse legado às novas gerações, incluindo perspectivas críticas que possam realçar os elementos fundantes dessa perspectiva teológica, especialmente o amor que Deus preferencialmente destina e revela às pessoas pobres.

As pesquisas que possibilitaram a formulação do princípio pluralista foram aprimoradas em variadas publicações entre artigos científicos e livros, especialmente no tocante à aplicabilidade deste princípio em relação à avaliação da diversidade religiosa brasileira.<sup>1</sup> A análise que ora realizamos contempla este avanço na pesquisa com a atualização de fragmentos das análises publicadas neste período, mas tem um enfoque específico. Trata-se de uma avaliação crítica da teologia latino-americana, que valoriza os seus aspectos fundantes e sua valiosa contribuição no campo sociopolítico e eclesial, tendo como pano de fundo certos enrijecimentos metodológicos e simplificações temáticas que marcaram as últimas três décadas.

---

1 Entre estas contribuições estão duas publicações dos *Cadernos Teologia Pública* (IHU): O princípio pluralista (n. 128, v. 14, 2017) e O debate sobre o princípio pluralista: um balanço das reflexões sobre o princípio pluralista e suas aplicações (n. 145, ano 17, 2020). Nestas análises, prevalece um acento mais descritivo, próprio das ciências da religião, que está pressuposto na avaliação que desejamos realizar aqui, na qual o enfoque possui uma dimensão mais acentuadamente hermenêutica, importante para o debate teológico, sobretudo o debate quanto a metodologia e aos conteúdos que nos propomos realizar.

Por diversas vezes, seja por intermédio de palestras, cursos ou textos, tivemos a oportunidade de dar um balanço nas principais questões que marcam o cenário teológico latino-americano. Já alcançam um quarto de século as análises que fizemos e que tiveram certa repercussão no fim da década de 1990.<sup>2</sup> Entendemos que, em certo sentido, refazemos agora o mesmo caminho, porém com a companhia de uma gama bastante variadas de experiências e referências conceituais que as duas últimas décadas nos ofereceram.

As análises sobre o princípio pluralista têm sido efetuadas a partir do enfrentamento de, pelo menos, três desafios, interligados entre eles, que emergem da situação teológica latino-americana na medida em que ela se coloca diante das mudanças sociais ocorridas em função da intensificação da pluralidade cultural e religiosa e da complexidade da realidade social, política e econômica. O primeiro deles é o esforço para melhor compreensão da realidade socioeconômica e cultural que nos circunda. Ele revela a necessidade de alargamento metodológico para uma compreensão mais apurada da complexidade social, que possa fugir das explicações e formulações dicotômicas e bipolares.

O segundo é um equacionamento teológico mais adequado das relações entre racionalidade e subjetividade, especialmente em função de certo esgarçamento da primeira, concomitante a uma explosão da segunda

2 Um dos textos que teve boa circulação e debate foi publicado em 1999 por *The Ecumenical Review* sob o título "Has Liberation Theology Died? Reflections on the relationship between community life and globalization of the economic system" (Ribeiro, 1999). Uma versão em português foi publicada pela *Revista Eclesiástica Brasileira (REB)*. Intitula-se "A Teologia da Libertação morreu? Um panorama da teologia latino-americana da libertação e questões para aprofundar o debate teológico na entrada do milênio" (Ribeiro, 2003).



em formas variadas nas primeiras décadas deste século. Ele requer formas novas, gratuitas e mais autênticas de espiritualidade.

O terceiro desafio é fruto dos encontros e desencontros, marcadamente tensos, da teologia – e também das ciências da religião – com a pluralidade, seja metodológica, religiosa ou antropológica. Ele se configura em torno de um aprofundamento das questões que emergem da valorização do pluralismo religioso e como tal posituação incide no fortalecimento da democracia, das práticas ecumênicas e de cunho libertador e da defesa dos direitos humanos e da terra.

Destacamos nesse caminho, em diálogo com a produção acadêmica e as reflexões de pessoas de certo renome no cenário teológico nacional e internacional, a dimensão comunitária da fé e seus desdobramentos sociais e políticos no mundo, o compromisso com a defesa e a sustentabilidade da vida, com a solidariedade humana, com o exercício dos direitos humanos, com a integridade da criação, com as formas de inclusão e afirmação social, de empoderamento de grupos subalternos, de cidadania e de respeito à pluralidade. Trata-se de uma profunda e desafiadora aventura espiritual marcada pela alteridade.

Nossas reflexões se inserem dentro do que se tem denominado perspectiva ou giro decolonial (Mignolo, 2007). Trata-se de esforços com um sentido estratégico que revela interpelações políticas e epistemológicas de reconstrução de culturas, instituições e relações sociais, tendo em perspectiva o empoderamento de grupos subalternos e construções críticas alternativas e plurais de novos modelos sociais (Walsh, 2007). O princípio pluralista está em sintonia com as proposi-

ções conceituais destes estudos que visam realçar a decolonialidade do poder, do saber e do ser. Com isso, as aproximações religiosas e a valorização do pluralismo podem ser não somente percebidas e terem suas tendências identificadas nas análises, mas elas podem ser sobretudo construídas.

Porém nem tudo “são flores”! Estamos conscientes das tensões existentes na relação ambígua e conflitiva entre as expressões de fundamentalismo-intolerância, de um lado, e as de pluralismo-diálogo, por outro. Ambas, não obstante aos seus antagonismos e disputas de espaço social, crescem e se fortalecem simultaneamente no Brasil e em outras partes do globo. Tem sido comum, em diferentes confissões e religiões, uma concepção unilateral e absoluta da verdade que tende a formas dogmáticas, o que inibe, entre outros aspectos, o diálogo entre a fé e as ciências e entre grupos religiosos distintos. Há certa refutação religiosa das perspectivas antropológicas que levam em conta as formas de evolução do universo e da vida humana, as explicações mais racionais da vida e a possibilidade de visões plurais. Tais concepções são recompostas com novas ênfases, mas mantêm resguardada certa oposição às formas de autonomia humana (Teixeira, 2012). No campo cristão, tanto católico-romano como evangélico, por exemplo, são visíveis as reações contra posturas mais abertas no campo da sexualidade, especialmente no que se refere ao direito das mulheres e à homoafetividade, e contra o pluralismo em geral. Análises sociorreligiosas mais consistentes precisam ocorrer para melhor elucidação deste complexo quadro.

Consideramos que o princípio pluralista, obviamente articulado com outros instrumentos de análise, pode representar uma das contribuições relevantes para esse desafio acima indicado. Ele é um elemento hermenêutico de mediação analítica e teológica da realidade sociocultural e religiosa que procura dar visibilidade a experiências, grupos e posicionamentos que são gerados nos entrelugares, bordas e fronteiras das culturas e das esferas de institucionalidades. Ele possibilita divergências e convergências novas, outros pontos de vistas, perspectivas críticas e autocríticas para diálogo, empoderamento de grupos e de visões subalternas e reforço de formas de alteridade e de inclusão, considerados e explicitados os diferenciais de poder presentes na sociedade. O princípio pluralista, formulado a partir de lógicas ecumênicas e de alteridade, possibilita melhor compreensão da diversidade do quadro religioso e das ações humanas em geral (Ribeiro, 2020). Tendo-o como recurso, desejamos indicar alguns desafios e perspectivas para o pensamento teológico na atualidade, tendo em vista o contexto latino-americano.

## A VIDA É COMPLEXA

Nossa primeira preocupação é com a tarefa de alargamento metodológico e de atualização nas formas de compreensão da realidade. Aqui tentamos não somente indicá-la, mas também cumpri-la, ainda que uma análise detalhada da realidade social não seja possível realizar nos limites desta reflexão. Mesmo assim, temos procurado desenvolver nosso pensamento teológico nos distanciando do peso dos esquemas reducionistas e dicotômicos que utilizam em demasia a

bipolaridade “dominantes x dominados”. Como sabemos, isso se deu, especialmente, devido à influência de certas formas mais dogmáticas e mecânicas de marxismo nas análises sociais, ocultando por vezes a complexidade social e vivências cotidianas nos entrelugares das culturas e nas diferentes fronteiras das dimensões da vida. Nesse sentido, procuramos sempre recorrer a uma lógica plural para o conhecimento das situações em que vivemos.

E os desafios são enormes! Um deles é criar caminhos para que a produção teológica se livre dos cativéis eclesiais (Alves, 1982) e adquira perspectivas mais amplas e plurais. Além disso, considerando a fé cristã, valorizamos o Reino de Deus como realidade mística e teológica que está sempre para além da história para assim evitar formas de ideologização da fé e valorizar o dever e a importância da autocrítica teológica.

As leituras da realidade socioeconômica e cultural atual, somadas à releitura em chave libertadora dos princípios bíblicos e teológicos, vistas sob o princípio pluralista, requerem uma profunda revisão das imagens de Deus, que historicamente estiveram ligadas a práticas de dominação, como as imperiais, racistas, androcêntricas e heteronormatizadas, por exemplo. Trata-se de se relacionar espiritualidade e transgressão da ordem dominante (Gebara, 2017). Esta tarefa ocorre em muitos e variados sentidos. Primeiro: para se opor ao desprezo da cosmologia em seu sentido amplo e da visão holística que dava ao ser humano uma compreensão mais apropriada de si mesmo, urge uma ecoespiritualidade que reforce relações de interdependência e de cooperação vital. Segundo: para se contrapor ao

esvaziamento espiritual e de sentido das questões que envolvem a vida e as formas de conhecimento técnico e científico, são necessárias propostas de respeito à integridade humana, à formação pessoal e à totalidade dos processos vitais. Terceiro: em contraposição aos elementos ideológicos, sociais e religiosos que demarcam o controle dos corpos, especialmente os das mulheres, tanto nas estruturas eclesiais e religiosas quanto na cultura econômica, é fundamental a valorização da corporeidade e da sexualidade como fonte de prazer e de autonomia. Quarto: em contraposição ao individualismo predominante no campo religioso e na sociedade como um todo, vislumbramos o compromisso com a felicidade pessoal articulada com a felicidade coletiva (Gebara, 2017).

Outro aspecto desafiador é a tensão entre libertação e gratuidade. Entre várias perspectivas, destacamos que a teologia necessita: (i) integrar e articular as linguagens de natureza “sapiencial-integrativa” e as de caráter “crítico-dialético-profético” (Segundo, 1995), (ii) superar os reducionismos antropológicos, que valorizam somente os aspectos mais racionais do ser humano, que podem também gerar formas de autoritarismos, idealismos, machismos e heteronormatividade, e não percebem o valor da afetividade, das dimensões lúdicas e da festividade (Garcia, 2024), (iii) articular os temas especificamente existenciais com os políticos e sociais e destacar o horizonte ecumênico e plural necessário para a relevância teológica de toda e qualquer iniciativa nos campos prático e teológico (Santa Ana, 1987), (iv) além de estar atenta à crescente valorização do pluralismo cultural e religioso (Vigil, 2006).

Em nosso caminho de análise procuramos sempre ter em mente as dimensões concretas da fé e da vida. Trata-se da compreensão da salvação e a dos demais aspectos teológicos não de modo etéreo e especulativo, mas, sim, como o resgate da vida em sua concretude, resultante de uma espiritualidade que se fundamenta no profundo respeito por todos os seres criados e na preservação da vida e da justiça. Tal perspectiva altera as formas como o conhecimento é produzido. Ao se trabalhar com as dimensões concretas e cotidianas da vida, considerando toda a sua complexidade, passamos a questionar os discursos científicos reducionistas, que arvoram uma falsa universalidade, uma vez que dissimulam a particularidade que possuem.

O conhecimento humano em geral, assim como o teológico em particular, sobretudo com base no princípio pluralista, precisaria assumir variadas e permanentes demandas: (i) questionar o universalismo das ciências, para superar o idealismo branco, masculino e racionalista presente nas elaborações teóricas que relegam, por exemplo, a mulher à dimensão da natureza e o homem à dimensão cultura, e aos pobres o lugar de subalternidade (Gebara, 2017), (ii) valorizar a relatividade cultural com suas diferentes formas de interpretar o mundo, tendo em vista conhecimentos mais integrativos (Segato, 2022), (iii) valorizar a diversidade, a diferença, a interdependência de todos os seres, as expressões de subjetividade e o cotidiano tanto na esfera científica como na dimensão prática e política (Roese, 2008), (iv) ser propositivo no tocante a uma ética plural em que as próprias pessoas e grupos possam refletir sobre suas realidades, identificar os diferenciais de poder que enfrentam e encontrar

novos caminhos de empoderamento que levem à justiça, à paz e à integridade da Criação (Rieger, 2008), (v) dar atenção às narrativas que apresentam não de forma linear e sistematizada diferentes aspectos da realidade (Wirth, 2013), e (vi) pressupor, dentro de uma interculturalidade crítica, a interdependência entre todos os seres, a transdisciplinaridade e a complexidade das ciências (Walsh, 2007).

Vive-se, portanto, um novo tempo. As identidades se constroem não mais nas singularidades – como as de classe, gênero... – mas, nas fronteiras das diferentes realidades da vida. Trata-se de entrelugares (Bhabha, 2001). Viver na fronteira das distintas situações da realidade socioeconômica em geral produz um novo e criativo sentido para a realidade. Tal perspectiva pode ser representada em novas formas jurídicas, como as que propõem direitos de minorias sociais, direitos ambientais, liberdade religiosa, ou em novas formas econômicas, como moedas únicas, compras e vendas ilimitadas por intermédio de canais eletrônicos, diversificação das modalidades de trabalho, ou ainda em avanços tecnológicos e na área da saúde como monitoramento eletrônico da vida social, clonagem e manipulação genética e aspectos semelhantes do avanço da bioética e da inteligência artificial. Como lidar com esses e tantos outros aspectos da nova realidade em que vivemos? As ambivalências e ambiguidades dessas possibilidades não requerem de nós uma negação *a priori*, como é comum em determinadas visões políticas e/ou religiosas. É preciso haver discernimento e novas posições políticas.

Há que se ultrapassar as narrativas ordinárias (Bhabha, 2001) e mergulhar nos conflitos e nas aproximações surgidas em função das diferenças culturais, com todas as subjetividades e particularidades inerentes a esses conflitos. A posição de fronteira permite maior visibilidade das estruturas de poder, de saber e de ser, o que pode ajudar na apreensão da subjetividade de grupos, comunidades e povos subalternos. De lá nem sempre surgem discursos e práticas unívocas, retilíneas e de racionalidade interna coerente. No entanto, as fronteiras revelam compreensões sobre a humanidade e sobre a vida mais próximas do que elas realmente são. O poder e o saber permaneceram intocáveis como universais e globais se não forem consideradas as fronteiras. Elas é que permitem um reordenamento de sentidos, uma vez que reúnem as diferenças que se cruzam e se articulam nas relações humanas e sociais (Santos, 2010a).

As fronteiras ajudam a relativizar o poder, o saber e o ser - focos do pensamento decolonial - narrados pelas lógicas de oficialidade. A premissa é que no interior das culturas reside uma infinidade de experiências e formas de conhecimento que depõem contra os poderes e os saberes coloniais. Outra premissa é que tais poderes e saberes, de corte imperial, minaram, ou mesmo sabotaram, as formas de organização social e cultural oponentes (Wallerstein, 2004). Talvez, estejamos vivendo, de fato, de forma ambígua e simultânea a 'fraqueza' e a 'força histórica dos pobres'. O fato é que pensar a vida e a fé nas fronteiras é sempre algo de intenso potencial revelador. Assim, corrobora-se, por exemplo, a ideia de que os pobres e as culturas subalternas são sujeitos que possuem falas interpretativas a respeito de sua própria história e que podem com elas



fazer emergir as subjetividades, as estratégias de resistência possíveis e novos caminhos propositivos, não necessariamente lineares (Dussel, 2005).

Várias percepções podem ser apresentadas como contraponto à visão colonial. Ailton Krenak, por exemplo, realça a experiência de uma consciência coletiva, comum entre os povos originários, como canal de conhecimento de orientação de escolhas: “É uma forma de preservar nossa integridade, nossa ligação cósmica. Estamos andando aqui na Terra, mas andamos por outros lugares também. A maioria dos parentes indígenas faz isso” (Krenak, 2020, p. 39).

Outro exemplo é dado por Luiz Antônio Simas e Luis Rufino, quando propõem que se realce, a partir das tradições afro-brasileiras, a noção de encantamento. Ela traz “o princípio da integração entre todas as formas que habitam a biosfera, a integração entre o visível e o invisível (materialidade e espiritualidade) e a conexão e relação responsiva/responsável entre diferentes espaços-tempos (ancestralidade)” (Simas; Rufino, 2020, p. 7).

Rita Segato, ao analisar as questões de gênero, apresenta uma perspectiva histórica da relação entre desigualdade e patriarcado e exemplifica a crítica do pensamento decolonial, ao afirmar que “na colonial-modernidade, a mulher passa a ser o outro do homem, assim como o negro é reduzido à posição de outro do branco pelo padrão racista, e as sexualidades dissidentes tornam-se o outro da sexualidade heteronormativa” (Segato, 2022, p. 40).

Em perspectiva similar, a ecoteologia feminista latino-americana, por exemplo, busca não ser humano-centrada. Além disso, valoriza as dimensões do cotidiano, sempre reveladoras de realidades múltiplas, e da corporeidade, que também são produtoras de experiências diversificadas, tanto de resistência aos sistemas opressivos quanto de empoderamento ante os desafios sociais. Nesse sentido, procuramos compreender o pensamento teológico feminista, sobretudo o latino-americano, e recorrer a ele para melhor identificar as amplas e plurais relações do humano com a dimensão ecológica e cósmica. Na mesma direção, a perspectiva ecofeminista, na base de suas reflexões e práticas, questiona a visão do mundo patriarcal e dualista do cristianismo (Roese, 2008; Gebara, 2017).

Outras vozes a serem ouvidas são as dos grupos LGBTQIA+. No campo dos estudos de religião, destaca-se a Teologia *Queer* de Marcella Althaus-Reid (2019), André Musskopf (2012) e Ana Ester Pádua Freire (2022). Para esta última autora, “ao se pensar em identidades dissidentes, dissonantes e divergentes, o princípio pluralista se coloca em resistência às estruturas de poder que se fundamentam na cristalização das identidades para fins de manutenção do regime heterossexual” (Freire, 2022, p. 195).

As referências aos pensamentos afro-indígenas, assim como ao de grupos de dissidência sexual, de agrupamentos populares e de setores pobres da sociedade, urbanos ou rurais, constituem categorias colocadas à margem do eixo que sustenta o pensamento eurocentrado, dominante na academia brasileira, o que incluiu os estudos de religião. Marcado pelas lógicas iluministas, o pensamento ocidentalizado reproduz uma forma

de conhecimento que se pauta, de forma excludente, por um modelo de razão que posiciona o ser humano idealizado (branco, hétero e integrante das elites econômicas) e sua racionalidade formal no centro de suas construções teóricas (Hall, 1992). O princípio pluralista, ao se contrapor a essas lógicas excludentes, realça as múltiplas referências e práticas de poder, de saber e de ser que emergem das margens da sociedade e das instituições.

Dentro desse quadro, é fundamental que se dê maior atenção na reflexão teológica, em seus diferentes níveis e nos espaços acadêmicos e sociopolíticos, a religiões e espiritualidades não hegemônicas, historicamente invisibilizadas. Tal perspectiva seria uma visão concreta do giro decolonial, como movimento teórico, prático, político e epistemológico, de resistência à lógica da modernidade/colonialidade.

Tais reflexões possuem vínculos com o pensamento complexo, consagrado por Edgar Morin e outros autores e autoras, em que se criticam os pilares da ciência moderna, sem, contudo, negar a eficácia deles. O pensamento complexo busca questionar e expandir de maneira crítica os pensamentos simplificadores, partindo da não completude do conhecimento e da aceitação da diversidade dos saberes e percepções acerca do mundo e da vida. A realidade é vista como um tecido de múltiplos fios interligados e em permanente processo de construção e reconstrução. Como tudo está em intrínseca relação, teríamos, assim, a relativização das concepções simplificadoras e dicotômicas, dando lugar a concepções complexas e pluridimensionais da realidade. Daí a proposta da transdisciplinaridade, que parte de uma revisão crítica da fragmentação das ciências

com seus efeitos diversos e propõe uma visão global da realidade capaz de resgatar a totalidade dela e ser ao mesmo tempo integradora e crítica (Morin, 2010).

Associado aos aspectos até o momento descritos, defendemos que há um círculo hermenêutico, uma interpretação, que orienta a reflexão teológica e a vivência da fé cujo ponto de impacto (para não dizer início em respeito à noção de círculo) é o *sentir*. Não se trata de subjetivismo nem de arbitrariedade individualista. Trata-se do encontro do humano com a Presença Espiritual, na linguagem do teólogo Paul Tillich (1984), que o mobiliza e o direciona para a realidade transcendente da vida, imperativo último para um processo efetivo de humanização, de realização da justiça e de manifestação do amor. Tal abertura existencial condiciona as compreensões da vida, dos textos sagrados, da tradição e do agir humano.

Nesse sentido, podemos falar que viver é interpretar e que as hermenêuticas podem ser direcionadas para práticas libertadoras ou para as que geram formas autoritárias, repressivas, alienantes, preconceituosas ou violentas. Uma religiosidade, mesmo com referência à Bíblia ou a uma doutrina específica, pode ter, por exemplo, contato com pessoas e famílias pobres e não perceber nelas os anunciadores privilegiados do Evangelho. Da mesma forma, pode olhar uma pessoa desprovida das condições básicas da vida, como o trabalho, e verem nisso um fruto da falta de fé da própria pessoa. Ou ver o sistema capitalista e admirá-lo, pois ele pode dar condições de prosperidade às pessoas que nele se adequam devidamente. Ao mesmo tempo, práticas e hermenêuticas com viés crítico e libertador estão presentes em variados contextos. Elas precisam ser

devidamente identificadas, valorizadas e avaliadas. O caminho teológico tem demandas enormes pela frente, e o princípio pluralista, devido às suas bases conceituais, pode contribuir para iluminá-lo.

## A VIDA É PROFUNDA

**E**mbora antigas, a cada dia se vive mais nas tensões entre racionalidade e subjetividade. É o turbilhão causado pela esgarçamento da racionalidade moderna. Esse caminho nos leva a refletir sobre variadas dimensões da vida e uma delas é a espiritualidade. Nossa construção teológica visa respeitar e valorizar as dimensões racionais presentes no método teológico latino-americano, como as mediações socioanalíticas para compreensão da realidade, o rigor científico nas exegeses bíblicas e nas avaliações históricas e as formas e proposições articuladas e planejadas de ação eclesial e política, mas o que mais nos sentimos desafiados é integrá-las de maneira mais profunda e autêntica às formas mais subjetivas, espontâneas e plurais de espiritualidade. A mística evangélica é base constitutiva da participação cristã nos processos de libertação social e, também, da vivência cotidiana, com suas vicissitudes e alegrias (Bingemer, 2013). Daí a emergência de grandes desafios teológicos e prático-pastorais, em geral requerendo uma abertura a visões que valorizem a subjetividade, a pluralidade e formas mais espontâneas e autênticas de espiritualidade.

Compreender o amor de Deus no mundo, a fé e as demais dimensões do belíssimo e profundo encontro entre o divino e o humano se faz no diálogo e em interperação constante da realidade da vida. As palavras, os sinais e as atitudes que destaquem a dimensão da

gratuidade e da sensibilidade humana serão canal de esperança; e a esperança alivia o sofrimento e redimensiona o futuro.

É fato que as visões acerca da espiritualidade e da fé em geral têm sido marcadas, nas igrejas cristãs e em outros grupos religiosos, por forte concepção individualista, ainda que articuladas ideologicamente com projetos políticos de visibilidade pública, especialmente pela relação que têm se mantido com a cultura econômica hegemônica. Isso ocorre ao lado de um desprezo do cuidado com a natureza e uma desconsideração da criação como um todo, das relações sociais e comunitárias e do compromisso ecumênico com a vida, com a justiça e com os destinos da história. Para reverter o referido cenário, é necessária a elucidação de uma perspectiva salvífica mais substancialmente bíblica, que realce a dimensão ampla e integral que a salvação possui (Boff, 2015). Obviamente, vários esforços teológicos precisam ser feitos, devidamente articulados com aspectos práticos, que possibilitem essa nova visão.

Uma contribuição teológica possível, e que estruturamos com base no princípio pluralista, está firmada na visão de uma espiritualidade, imprescindível para o futuro da humanidade, que seja valorizadora da vida, sensível ao cuidado com a natureza e com os pobres, que diga respeito ao todo, aberta aos mistérios do universo e compromissada com desafios sociais e políticos que reforcem o empoderamento dos grupos subalternos tendo em vista à paz com justiça. Com isso, pode-se perceber o mundo natural, material e humano como fontes vivas de energia e caminhar em direção à resposta ao chamado à comunhão entre eles (Boff; Hathaway, 2012). A contribuição da fé cristã a uma ecoes-

piritualidade ecumênica é fundamental para as dimensões de integração pessoal, comunitária e ecológica, assim como é vital para a sobrevivência, manutenção e recriação da vida.

Trata-se de uma espiritualidade centrada na realidade corporificada no cotidiano. Tal experiência se dá tanto nas dimensões de prazer como nas de dor, incluindo as mudanças e os processos do corpo, da vida pessoal e coletiva, da autoafirmação, igualmente pessoal e coletiva que se conecta à compromissos sociais e a atividades políticas humanizadoras. Dessa espiritualidade surgem as possibilidades de afirmação do corpo, tanto em seu poder erótico como em seu poder criativo de dar a vida e de ser fonte de cura e de libertação social e pessoal (Gebara, 2017). O princípio pluralista favorece a criação ou o reforço de novas linguagens teológicas, forjadas nas expressões da corporeidade, da sexualidade e dos desejos humanos, e associadas às dimensões lúdicas e místicas de formas de vida marcadas pela alteridade, pela afirmação da diferença, pela poesia e pelo empoderamento de grupos subalternizados que, nos entrelugares de suas culturas, relevam visões plurais e criativas de vida. A mesma visão podemos dizer em relação ao valor das teologias narrativas e da teopoética, que representam recriações da linguagem teológica, com elementos simbólicos e de forte apelo existencial que traduzem concepções teológicas fundamentais da fé.

Consideramos que as definições teológicas do corpo e das práticas sexuais, explícitas ou não, quer sejam vivenciadas em contextos de prazer, autenticidade, afeto e festividade, quer em formas sublimadas, repressivas e violentas, são bases constituintes e defi-

nidoras da realidade e se revelam cotidianamente nas fronteiras e entrelugares das culturas (Tomita, 2003). Daí a importância delas para a reflexão teológica dentro do princípio pluralista.

Vislumbramos uma caminhada espiritual que valorize a vida, que seja sensível ao cuidado com a natureza e perceba nela também o lugar de salvação da mesma forma que olhamos para o humano. Esse caminho nos leva a uma espiritualidade ecumênica que, por ser ecológica, defende os pobres e aprende com eles, uma vivência que se coloca aberta aos mistérios do universo e do mundo, relacionando-os com os desafios sociais e políticos que a vida nos apresenta.

Nessa perspectiva, surge outro olhar para as bases bíblicas sobre a justificação pela fé. Se vista a partir das pessoas e grupos excluídos dos sistemas econômicos, socioculturais e religiosos, a justificação pela fé ganha novos contornos. Não obstante as distinções de época e cultura, tal interpretação teológica se constitui em um parâmetro hermenêutico fundamental para o discernimento da realidade social desigual, injusta e excludente. Daí se reforça a concepção de gratuidade, que inclui aqueles e aquelas que estavam em condição de exclusão por motivos de lei religiosa e a visão da justiça de Deus como segurança e empoderamento dos pobres, que os leva a perceber a boa nova da justiça de Deus como contraponto à realidade opressiva vivida. A justificação pela fé também realça a noção de senhorio de Deus, que não se trata de relações assimétricas e de escravidão entre o divino e o humano, mas de ver a justificação pela fé como reorganização da vida de tal forma que as pessoas se sintam libertas e guiadas por Deus para viver justa e dignamente, e superarem o



sentimento de impotência diante do poder dos ídolos. A justificação pela fé também se constitui em crítica ao Império, que se justifica, entre outros fatores, pela lógica dos méritos e do acúmulo de forças, que fundamenta sistemas orientados pelo critério de rentabilidade, que apregoa a salvação por meio do lucro, da privatização e da submissão à lei de acordo com os recursos próprios, simbólicos ou materiais, o que gera a exclusão de parcelas consideráveis de pessoas do processo salvífico e de perdão das dívidas (Tamez, 1995).

Uma espiritualidade que se abre para o mistério, uma vez recebida sob os influxos divinos de uma decisão existencial que valoriza o amor, a justiça e a alteridade, em geral produz diferentes frutos. Compreendemos que pela graça de Deus algo sublime move e remove percepções a ponto de vermos o que não está mostrado: que “um outro mundo é possível”, como nos indicaram os Fóruns Sociais Mundiais, que as pessoas têm valor independentemente de suas condições sociais e econômicas, que o amor de Deus é preferencialmente direcionado aos mais pobres, que a paz e a justiça andam juntas, que o amor e o respeito devem prevalecer nas relações humanas, que a salvação vem de Deus e é para todas as pessoas, não se limitando a uma igreja ou religião específicas, e que Deus é maior do que todas as coisas. Na tradição cristã, realça-se a visão da fé que vai para além da religião. Esse tipo de espiritualidade não se aprende em livros ou conceitos teológicos, filosóficos ou políticos. Ele vem com “*estranha mania de ter fé na vida*”, presente de Deus.

## A VIDA É PLURAL

Um terceiro bloco de desafios, no qual nos propomos a refletir sobre a égide do princípio pluralista, reside em torno do encontro, sempre tenso, da teologia com a pluralidade, seja metodológica, seja religiosa ou antropológica. No caso do pluralismo religioso, consideramos que ele, em função das novas configurações socioculturais, está realçado em pelo menos duas direções. A primeira, dentro do campo especificamente religioso, tanto nas fronteiras das diversificações internas de cada grupo – o que nos leva a nos referirmos sempre no plural: espiritismos, cristianismos, catolicismos, pentecostalismos, candomblés, umbandas, encantarias, islamismos – quanto nos contatos conflitivos ou harmoniosos dos grupos religiosos na sociedade. A segunda direção se refere às interações das vivências religiosas com dimensões públicas e seculares da cultura expressas na vida cotidiana, tais como práticas econômicas, formas de entretenimento e de lazer, exercícios terapêuticos e de valorização da saúde, espiritualidades não explicitamente religiosas e outras. Tais zonas fronteiriças, somadas à esfera especificamente religiosa, tornam o campo religioso cada vez mais complexo e plural (Irrazaval, 2007).

A diversidade religiosa no Brasil tem variadas marcas. Chama-nos a atenção o fato de que, não obstante o fortalecimento institucional e popular de propostas religiosas de caráter mais verticalista, em geral conflitivas, fechadas ao diálogo, marcadas por violência, não somente simbólica, e por posturas fundamentalistas, o campo religioso tem simultaneamente experimentado formas ecumênicas de diálogo entre grupos religiosos distintos. O encontro dos diferentes grupos religiosos,

seja nos confrontos ideológicos ou identitários, seja nas aproximações e valoração da diversidade, contribuem para uma crescente reconfiguração do quadro religioso, que intensifica o pluralismo. Em nossas análises, as diferenças religiosas têm sido vistas dentro da dinâmica social que leva em conta os efeitos dos processos de globalização. Eles, como se sabe, são amplos e se revelam especialmente na velocidade das alterações socioculturais, no ineditismo de certas reconfigurações religiosas e nas formas híbridas cada vez mais crescentes no campo religioso (Moreira, 2008).

No entanto, a teologia latino-americana, em seu desenvolvimento histórico, priorizou o dado político para suas interpretações e nem sempre esteve atenta às diferenças culturais, que, no caso de nosso continente, são fortemente entrelaçadas com a diversidade das expressões religiosas. É fato que as experiências religiosas na atual sociedade globalizada se apresentam fortemente marcadas pelo modelo econômico vigente, o que revela a força sedutora do capitalismo globalizado, como força de massificação e uniformização embora estejam dentro de um quadro crescente de diversidade religiosa. Tal perspectiva confirma, em certo sentido, as teses que defendem a ideia da força do sistema capitalista como religião subtraindo dela a importância na organização da vida (Benjamin, 2013). No entanto, realçamos que, contraditoriamente, estão presentes na sociedade diversas expressões de presença pública das religiões, articuladas ecumenicamente ou não, que vão em direção do reforço da democracia, do pluralismo e da capacidade contra-hegemônica na defesa dos direitos humanos e da terra (Küng, 2004; Amaladoss, 2005; Moltmann, 2004). A construção teológica que procuramos desenvolver com base no princípio pluralista con-

sidera as diversas e crescentes expressões religiosas de presença pública, sobretudo as que se opõem ao *status quo* e às formas imperiais de dominação, embora saibamos que as religiões na atualidade estão relativizadas em sua força de mobilização da vida pelas engrenagens do sistema econômico (Santa Ana, 2010).

De fato, a vivência religiosa no Brasil, assim como em outras partes do globo, sofreu fortes mudanças nas últimas décadas. Alguns aspectos do novo perfil se devem:

i. à afirmação religiosa indígena e afro-brasileira em suas diversas matrizes, em sua maioria híbridas e recompostas, incluindo as formas de umbandas, candomblés e encantarias, e uma série de expressões culturais regionais, como Tambor de Mina, Catimbó-Jurema, Terecô, Xangô e Jarê, além de expressões sincréticas como Vale do Amanhecer, Fraternidade Eclética Espiritualista Universal, entre outras;

ii. à multiplicação e maior visibilidade dos grupos orientais, em toda a sua diversidade étnica e cultural, tanto as diferentes expressões de budismos, e, em menor escala, de hinduísmos, de xintoísmos, de taoísmos e de confucionismos, como Seicho-no-Ie, Perfect Liberty, Igreja Messiânica, Fé Bahaí, Hare Krishna e seguidores de Osho, e organizações como Ananda Marga e a Brahma Kumaris;

iii. à presença pública, embora minoritária, das diferentes expressões do judaísmo e do Islã, incluindo, em cada uma delas, uma variedade de práticas devido à diversidade étnica, grupos com orientações político-

-ideológicas distintas, vivências comunitárias diversificadas, e maior ou menor flexibilidade no tocante aos aspectos tradicionais destas religiões;

iv. à força popular do espiritismo kardecista, na diversidade e autonomia de diferentes grupos, formalmente instituídos em centros espíritas ou não, de colorações doutrinárias distintas como, por exemplo, os que cujas práticas são de maior ou menor intersecção com o catolicismo popular ou com expressões afro-brasileiras, e de especificidades ideológicas como aqueles que se caracterizam pela defesa dos direitos humanos e pautas inclusivas;

v. às expressões espiritualistas e mágicas que se configuram em torno da chamada Nova Era e outras formas de neopaganismos em ascensão como Wicca e Rosa Cruz;

vi. às expressões religiosas caracterizadas pelo ritual de consumo de ayahuasca, como o Santo Daime, Barquinha e União do Vegetal;

vii. ao esforço nucleador dos mórmons, dos Testemunhas de Jeová e dos adventistas do Sétimo Dia;

viii. à manutenção, no campo católico-romano, das atividades das comunidades eclesiais de base (CEBs) e das pastorais populares, ao lado de grupos chamados tradicionais, de devoções populares e do fortalecimento institucional dos movimentos de renovação carismática, que reforçam a pluralidade católica constituída por dezenas de ordens, grupos e tendências doutrinárias e teológicas;

ix. ao crescimento evangélico, em especial o das igrejas e movimentos pentecostais, ao lado da visibilidade pública e midiática desses grupos, somada à presença e atividade das igrejas evangélicas chamadas “tradicionais”, à multiplicação de “células” e comunidades autônomas, e à maior visibilidade e articulação de movimentos evangélicos progressistas;

x. à visibilidade e multiplicação de grupos, movimentos e comunidades cristãs LGBTQIA+, católicas e evangélicas, em especial nos centros urbanos;

Todas essas expressões, além de outras, formam um cenário complexo e de matizes as mais diferenciadas, ainda mais se forem acrescentadas as formas religiosas seculares e culturais, como as terapêuticas, de autoajuda, econômicas, midiáticas e de entretenimento. Tais características estão presentes nos processos de diversificação do quadro religioso brasileiro e se reforçam a partir de vários outros elementos. Entre eles estão as variadas formas de trânsito religioso (Souza, 2020), de múltipla participação e pertença religiosa (Tostes, 2020), de experiências de transreligiosidade (Aragão, 2020) e de novas configurações religiosas, boa parte delas peculiares e inéditas (Giumbelli, 2014). Não se pode esquecer o número crescente de pessoas que se declaram sem religião, que no Brasil está atrás apenas dos grupos católicos e evangélicos. Trata-se de uma realidade plural que desafia enormemente o pensar teológico latino-americano e suas práticas políticas e pastorais correspondentes.

Em função desse quadro, perguntamos: qual é o papel das religiões e espiritualidades nos processos de estabelecimento da paz, da justiça e da sustentabilidade da vida? Consideramos, por suposto, que as

grandes questões que afetam a humanidade e toda a criação requerem indicações teológicas consistentes e que há processos de abertura e de diálogo entre distintas religiões, em diversas frentes de ação, assim como há processos de enrijecimento das perspectivas religiosas, fortalecimento de práticas e valores fundamentalistas, acirramento de conflitos e reforço de culturas de violência. O quadro religioso vive intensamente essa ambiguidade e as reflexões teológicas precisam considerá-la atentamente.

As experiências religiosas se modificam no quadro de transformações sociais e econômicas e ainda que os símbolos religiosos tenham sido ressignificados de acordo com as necessidades do sistema econômico, a busca religiosa não perdeu força, embora tenha alterado suas formas e expressões tradicionais. Por isso, a pluralidade, não obstante as formas de massificação, de padronização e de uniformização das experiências religiosas, em grande parte por estarem reféns das formas econômicas de consumo, é marca significativa das sociedades hoje e deve ter lugar privilegiado na reflexão teológica. Ela subverte identidades convencionais dadas por supostas e, por isso, pode favorecer caminhos de paz, de justiça e de alteridade.

O caminho pluralista que procuramos trilhar possui como característica básica a noção de que cada religião tem sua proposta salvífica e de fé, que deve ser aceita, respeitada e aprimorada a partir de um diálogo e de uma aproximação mútuos. Assim, a fé cristã, por exemplo, necessita ser reinterpretada a partir do confronto dialógico e criativo com as demais fés. A mesma tarefa deve se dar com toda e qualquer tradição religiosa. Aqui há um ponto de novidade que coloca

todos em constante desafio. Tal perspectiva não anula nem diminui o valor das identidades religiosas – no caso da fé cristã, a importância de Cristo –, mas levá-las a um aprofundamento e amadurecimento movido pelo diálogo e pela confrontação justa, amável e responsável. A aproximação e o diálogo entre grupos de distintas expressões religiosas cooperam para que elas possam construir ou reconstruir suas identidades e princípios fundantes (Hick, 2005; Barros, 2023; Teixeira, 2014; Knitter, 2008).

Para responder aos desafios que se apresentam com o quadro de pluralismo religioso, é também importante realçar a concepção de polidoxia (Tostes; Ribeiro, 2020). Ela, construída por intermédio da crítica e do desmascaramento do pensamento único, visa a ultrapassar o binômio ortodoxia/heresia, que em geral não favorece a efetivação de diálogos inter-religiosos e culturais autênticos e a proposição de projetos políticos comuns. A divindade, nesta perspectiva, é compreendida em termos de multiplicidade, de reposicionamento dos saberes e de valorização do não saber e de relationalidade (Pui-Lan, 2015).

A perspectiva do “não saber” se remete à tradição da teologia apofática, ou seja, a humildade de reconhecer os limites do conhecimento e, conseqüentemente a prática de não saber de tudo. A teologia apofática “insiste que a natureza de Deus não pode ser plenamente descrita, e que só podemos falar a respeito do que Deus não é, em vez de sobre o que Deus é” (Pui-Lan, 2015, p. 75-76). O não saber, elemento integrante do conceito de polidoxia, tem suas raízes na Teologia Negativa, no não dito das próprias certezas, que perpassam as identidades, corpos, essências, exclusões, objetificações. Po-



rém, paradoxalmente, é isso que faz a polidoxia falar de Deus. Ela é uma incerteza; a permanente abertura para o não conhecido, para novos *insights*, aprendizados, para além e em confrontação a toda violência colonial, imperial, psicológica, corporal que clama por uma única e absoluta verdade. O giro apofático não é apenas uma mera negação, mas é a transformação das certezas em incertezas, o que possibilita uma abertura a novas expressões e realidades (Tostes; Ribeiro, 2020).

A relacionalidade, tanto na dimensão coletiva presente na realidade de vida de cada pessoa quanto na dimensão cósmica, uma vez que o humano está integrado na imensidão do mistério que sustenta a vida, é base fundamental do princípio pluralista. Ela se refere às forças vitais que determinam a mútua conexão humana e a dos humanos com a terra. Ela é inclusiva e holística, fundamentalmente humana e cósmica, age como uma força que une o humano à terra, e o impulsiona para ações éticas e justas e para experiências religiosas espontâneas, autênticas e socialmente responsáveis.

Nossa tese é que as lógicas ecumênicas e de alteridade possibilitam melhor compreensão da diversidade do quadro religioso e maior elucidação de ações sociais e políticas. Não se trata de mera indicação ética ou ‘catequética’. Procuramos estabelecer uma postura teórica que possa tornar as análises mais consistentes, à medida que possibilitam melhor identificação do “outro” (Buber, 1987; Lévinas, 2002), especialmente as pessoas e os grupos que são invisibilizados dentro da lógica de uma sociologia das ausências (Santos, 2010a). A sensibilidade com as distintas expressões culturais ou religiosas, minoritárias ou não, contribui para a emer-

gência e a visibilidade social de novos e variados perfis religiosos, multiplicidades de olhares, perspectivas e formas de atuação.

Com o princípio pluralista, realçamos a perspectiva teológica que procura superar as clássicas visões exclusivistas, inclusivistas e relativistas de compreensão mútua entre as religiões. A perspectiva pluralista nem anula as identidades religiosas, por um lado, e nem as absolutiza, por outro. Ao contrário, olha as religiões em plano dialógico e diatópico, considerando cada contexto, especialmente os diferenciais de poder que neles estão presentes. Não se trata de igualdade de religiões, mas de relações justas, dialógicas e propositivas entre elas. Compreendemos que tal visão potencializa o plano utópico das experiências inter-religiosas e de diálogo interfé.

Outro aspecto prático que está no âmago de nossas reflexões é a indicação e a contribuição para o cumprimento das tarefas decoloniais. Tendo em vista a delimitação das fontes e das bases bibliográficas utilizadas na formulação do princípio pluralista, tem sido possível identificar, em síntese, as seguintes tarefas, associadas ao propósito de visualização de novas práticas dialogais e de compromisso social e político:

Primeira: a crítica à visão de um pensamento único, seja no campo global das relações políticas, econômicas, socioculturais e religiosas que marcam a dominação Norte-Sul, seja no campo das relações institucionais, coletivas, de governo, entre outras, que regem a vida social (Hinkelammert, 2014).

Segunda: a revisão da perspectiva de um “centrocentrismo” (Santos, 2010b), presente nas concepções científicas nas variadas esferas da cultura. Ele está associado às formas de racismos, machismos, xenofobia e homofobia que inibem processos de contextualização e de recontextualização de identidades culturais e se coloca como monopólio regulador das consciências e das práticas sociais, em geral patriarcais e heteronormativas (Serra, 2019).

Terceira: o questionamento da visão de universalismo das ciências e da ética. Isto porque tal visão dissimula a particularidade que a produção de conhecimento e a normatização de valores possuem. Em geral, os conhecimentos produzidos nas esferas acadêmicas são marcadamente masculinos, brancos e das elites econômicas. Além disso, eles encobrem saberes locais e particulares, em especial os ameríndios e dos agrupamentos pobres e subalternos na sociedade (Walsh, 2009).

Quarta: a necessidade de se dar visibilidade no âmbito acadêmico-científico aos saberes dos povos tradicionais. No processo de construção de conhecimento, tal perspectiva precisa estar articulada com a noção de “aprender a desaprender” e ser marcada por certa “desobediência epistêmica” (Mignolo, 2008).

Quinta: a análise crítica da supremacia da racionalidade formal técnico-científica em relação às formas de subjetividade, aos conhecimentos vivenciais, holísticos e integradores e ao corpo como fonte de expressão e sabedoria (Sampaio, 2019).

Sexta: uma avaliação criteriosa da forma meramente conceitual da produção do conhecimento em detrimento das perspectivas narrativas, enredadas no cotidiano, nos entrelugares da cultura e nas expressões da corporeidade. A fundamentação de tal crítica requer uma conexão com saberes tradicionais, conhecimentos alternativos e visões de mundo de grupos subalternos (Ribeiro, 2020).

Sétima: a revisão da noção de indivíduo desprovida da interação constituinte do humano com a comunidade, a história, a natureza e o cosmo (Garcia Rubio, 2024).

Oitava: o exame da ideologia das identidades fixas. Isto porque as análises antropológicas mais apuradas mostram que as identidades são, em geral, fluidas, híbridas e permanentemente criadas e recriadas nos mais diferentes processos de fronteirização das experiências da vida (Freire, 2022).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como nos referimos nas primeiras palavras, o olhar teológico precisa se sentir constantemente desafiado pelas novas visões sociais, políticas e científicas e pelas demandas socioeconômicas e culturais que a sociedade apresenta. Ele não pode se confinar aos dogmatismos eclesiásticos que somente travam nossa visão, e nem às análises que não levam em conta as mudanças culturais e científicas na forma de compreender o mundo. Ao passar por revisões, críticas e autocríticas, a visão teológica terá melhores condições de ser iluminadora de novas práticas, de novas perspectivas conceituais e de novas esperanças.

Nossas análises se centraram em três eixos, que representam desafios e perspectivas da teologia latino-americana. O primeiro, como vimos, enfatiza a necessidade de alargamento metodológico para uma compreensão mais apurada da complexidade social, que possa fugir das explicações e formulações dicotômicas e bipolares, simplificadoras e redutoras da realidade e visem integrar perspectivas mais amplas e plurais de análise. O segundo reside em uma articulação mais adequada entre a racionalidade que marca a reflexão teológica latino-americana com as dimensões da subjetividade humana que emergem fortemente na atualidade, fruto da condição pós-moderna, o que requer formas novas, gratuitas e mais autênticas de espiritualidade. O terceiro está em torno de um aprofundamento das questões que emergem da valorização do pluralismo, sobretudo o religioso, mas também o metodológico e o antropológico, e como tal posituação incide no fortalecimento da democracia, das práticas ecumênicas e de cunho libertador e da defesa dos direitos humanos e da terra.

A intuição presente na canção popular de Gilberto Gil, *“Andar com fé eu vou, que a fé não costuma ‘faiá’”*, mostra que nas dimensões mais diversas da vida e em todas as formas culturais em seus entrelugares há, lá dentro, um tipo de força que movimenta os anseios, as expectativas e os projetos humanos. Por vezes, *“essa força estranha no ar”*, como outra canção nos diz, se transforma em religião, com orações, declarações explícitas sobre Deus, livros sagrados, rituais. Outras vezes, não. Ela, *“que remove montanhas”*, fica latente, pulsando, escondida atrás da vida, fazendo-a palpitar. A fé se expressa na vida, que é *“sempre desejada por mais que esteja errada”*, como canta o poeta.

No caso da religião cristã, mais comum e majoritária em nossas terras, há muito o que dizer. Ela, historicamente, sempre se relacionou com diferentes culturas. Para quem nasceu no berço (ou melhor, no estábulo) pobre de terras judaicas, até que se comunicou bem, embora com muitas tensões, com outros mundos, como os das culturas gregas, helênicas, mais racionais. Depois vieram outras realidades, todas plurais, seja do mundo antigo, seja do mundo moderno. Esse último encontro foi por demais desafiador, porque a fé cristã teve de se encontrar também com o capitalismo. A cultura capitalista, firmada no lucro a qualquer preço, na exploração e na coisificação do ser humano, como se sabe, é oposta à fé cristã. Não há como esconder isso. A fé é fruto do amor. Ela é expressão da graça de Deus. E na cultura capitalista não há nada ‘de graça’... Pois bem! O encontro entre fé e cultura não é nada fácil.

Contudo, a fé também se encontrou com outras formas de ver a vida. Muita gente que buscou e busca a justiça e a paz – alvos excelentes do Evangelho de Jesus e de outras significativas visões religiosas, no Ocidente e no Oriente – teve os seus valores culturais redimensionados pela fé, pela mensagem do amor de Deus, e descobriu que é “preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã”. Ao mesmo tempo, é verdade que outras tantas pessoas, religiosas e não religiosas, na busca incessante pela “vida abundante” inspiraram igrejas, pastores, pastoras, padres e líderes e grupos religiosos os mais diversos. Trata-se do criativo e igualmente desafiador encontro da fé e das culturas; lugar de alteridade, respeito, criatividade, cidadania e empoderamento. Quem não já se converteu de novo ao ver as fotografias de Sebastião Salgado? Quem não já se quebrantou espiritualmente ao imaginar o olhar de

Macabeia, de Clarisse Lispector? Quem já não “perdeu a sua vida” ao ouvir as canções de Chico Buarque? Assim, o princípio pluralista, que é instrumento científico para análise social, também nos faz ver o mundo, as expressões culturais e a fé em suas diversidades e potencialidades criativas.

E os exemplos sagrados que brotam da vida não param... Para ficarmos apenas no Brasil, podemos falar e lembrar grupos e pessoas concretas que conhecemos como: homens e mulheres trabalhadores que lutam pela posse da terra, pois querem vê-la “manando leite e mel”, líderes sindicais que defendem relações de trabalho mais justas na fé que o “coração de quem trabalha merece um dia ser feliz”, educadores que trabalham com pessoas que vivem nas ruas e creem que “os que choram são felizes porque serão consolados”, artistas, com ou sem reconhecimento midiático ou formal, que cantam, dançam, pintam, com a consciência de que “todo artista tem de ir aonde o povo está”, acadêmicos que procuram pensar suas novas teses a partir da realidade concreta da vida, de problemas que afetam as pessoas, a humanidade, o cosmo. Tais expressões plurais misturam fé e inserção cidadã. É o “sal da terra”, que não vemos, mas temos a certeza-convicção-esperança que “amanhã será um novo dia, da mais louca alegria que se pode imaginar”.

## REFERÊNCIAS

ALTHAUS-REID, Marcella. *Deus queer*. Rio de Janeiro: Metanoia, Novos Diálogos, 2019.

ALVES, Rubem. *Variações sobre a vida e a morte*. São Paulo: Paulinas, 1982.

AMALADOSS, Michael. *Pela estrada da vida: prática do diálogo inter-religioso*. São Paulo: Paulinas, 1995.

ARAGÃO, Gilbraz. Transreligiosidade. In: RIBEIRO, Claudio de Oliveira et al. (org.). *Dicionário do pluralismo religioso*. São Paulo: Recriar, 2020. p. 288-295.

BARROS, Marcelo. *Os segredos de nosso encanto: o que a fé cristã pode aprender com as espiritualidades indígenas e negras*. São Paulo: Recriar, 2023.

BENJAMIN, Walter. *O capitalismo como religião*. São Paulo: Boitempo, 2013.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. *O mistério e o mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

BOFF, Leonardo. *Ecologia, grito da terra, grito dos pobres: dignidade e direitos da Mãe Terra*. Petrópolis: Vozes, 2015.

BOFF, Leonardo; HATHAWAY, Marc. *O Tao da libertação: explorando a ecologia da transformação*. Petrópolis: Vozes, 2012.

BUBER, Martin. *Sobre comunidade*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 55-70.

FREIRE, Ana Ester Pádua. Um exame da ideologia das identidades fixas. In: RIBEIRO, Claudio de Oliveira (org.). *Princípio pluralista e decolonialidade*. São Paulo: Recriar, 2022, p. 175-199.

GARCIA RUBIO, Alfonso. *A caminho do futuro: um itinerário teológico-pastoral na Igreja do Brasil*. São Paulo: Recriar, 2024.



GEBARA, Ivone. *Mulheres, religião e poder: ensaios feministas*. São Paulo: Terceira Via, 2017.

GIUMBELLI, Emerson Giumbelli. O campo religioso em suas configurações. In: SENA, E.; SOFIATI, F. *Novas leituras do campo religioso brasileiro*. São Paulo: Ideias & Letras, 2014, p. 153-175.

HALL, Stuart. *Formations of Modernity*. Oxford, UK: Blackwell Publishers Ltd., 1992.

HICK, John. *Teologia cristã e pluralismo religioso: o arco-íris das religiões*. Juiz de Fora: PPCIR, 2005.

HINKELAMMERT, Franz. *Mercado versus direitos humanos*. São Paulo: Paulus, 2014.

IRARRAZAVAL, Diego. *De baixo e de dentro: crenças latino-americanas*. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2007.

KNITTER, Paul. *Introdução às teologias das religiões*. São Paulo: Paulinas, 2008.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KÜNG, Hans. *Religiões do mundo: em busca dos pontos comuns*. Campinas: Verus, 2004.

LÉVINAS, Emmanuel. *De Deus que vem à ideia*. Petrópolis: Vozes, 2002.

MIGNOLO, Walter. Delinking. The Rethoric of Modernity, the Logic of Coloniality and the Grammar of De-coloniality. *Cultural Studies*, Routledge, v. 2 and 3, n. 21, p. 449-514, mar./ may 2007.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF*, Niterói, n. 34, p. 287-324, 2008.

MOLTMANN, Jürgen. *Experiências de reflexão teológica: caminhos e formas da teologia cristã*. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

MOREIRA, Alberto da Silva. O futuro da religião no mundo globalizado. In: MOREIRA, Alberto da Silva; DIAS DE OLIVEIRA, Irene (org.). *O futuro da religião na sociedade global*. São Paulo: Paulinas/UCG, 2008, p. 17-35.

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

MUSSKOPF, André Sidney. *Via(da)gens teológicas: itinerários para uma teologia queer no Brasil*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

PUI-LAN, Kwok. *Globalização, gênero e construção da paz: o futuro do diálogo interfé*. São Paulo: Paulus, 2015.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira. Has Liberation Theology Died? Reflections on the Relationship between Community Life and Globalization of the Economic System. *The Ecumenical Review*, (51) 3, July 1999, p. 304-314.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira. A Teologia da Libertação morreu? Um panorama da teologia latino-americana da libertação e questões para aprofundar o debate teológico na entrada do milênio. *Revista Eclesiástica Brasileira – REB*, v. 63, n. 250, 2003, p. 320-353.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira. O princípio pluralista. *Cadernos de Teologia Pública – IHU*, São Leopoldo, v. 14, n. 128, 2017.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira. O debate sobre o princípio pluralista: um balanço das reflexões sobre o princípio pluralista e suas aplicações. *Cadernos de Teologia Pública – IHU*, São Leopoldo, v. 17, n. 145, 2020.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira. *O princípio pluralista*. São Paulo: Loyola, 2020.

RIEGER, Joerg. Libertando o discurso sobre Deus: pós-colonialismo e o desafio das margens. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, Umesp, v. 32, n. 34, p. 84-104, jan./jun. 2008.

ROESE, Anete. Ecofeminismo e sustentabilidade. In: SOTER (org.). *Sustentabilidade da vida e espiritualidade*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 135-172.

SAMPAIO, Dilaine. Ciências da religião e teologia como área autônoma: reconfiguração do debate epistemológico, novos desafios e perspectivas para o estudo das (não) religiões e da(s) espiritualidade(s). *Horizonte*, Belo Horizonte, PUC Minas, v. 17, n. 53, p. 890-914, maio/ago. 2019.

SANTA ANA, Julio de. *Ecumenismo e libertação: reflexões sobre a relação entre a unidade cristã e o Reino de Deus*. Petrópolis: Vozes, 1987.

SANTA ANA, Julio de. Diálogos inter-religiosos: dificuldades e promessas. In: SOTER (org.). *Religiões e paz mundial*. São Paulo: Paulinas, 2010.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 2010a.

SANTOS, Boaventura de Souza. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2010b.

SEGATO, Rita. *Cenas de um pensamento incômodo: gênero, cárcere e cultura em uma visada decolonial*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

SEGUNDO, Juan Luis. *Que mundo? Que homem? Que Deus? Aproximações entre ciência, filosofia e teologia*. São Paulo: Paulinas, 1995.

SERRA, Cris. *Vimos pra comungar: os grupos de católicos LGBT brasileiros e suas estratégias de permanência na Igreja*. Rio de Janeiro: Metanoia, 2019.

SIMAS, Luis Antônio; RUFINO, Luis. *Encantamento: sobre política de vida*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020.

SOUZA, Sandra Duarte de. Trânsito religioso. In: RIBEIRO, Claudio de Oliveira; ARAGÃO, Gilbráz; PANASIEWICZ, Roberlei (org.). *Dicionário do pluralismo religioso*. São Paulo: Recriar, 2020, p. 282-288.

TAMEZ, Elza. *Contra toda condenação: a justificação pela fé partindo dos excluídos*. São Paulo: Paulinas, 1995.

TEIXEIRA, Faustino. *Cristianismo e diálogo inter-religioso*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

TEIXEIRA, Faustino. *Teologia e pluralismo religioso*. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2012.

TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. São Paulo: Paulinas/Sinodal, 1984.

TOMITA, Luiza. A contribuição da teologia feminista da libertação para o debate do pluralismo religioso. In: ASETT (org.). *Pelos muitos caminhos de Deus: desafios do pluralismo religioso à Teologia da Libertação*. Goiás: Rede, 2003, p. 108-119.

TOSTES, Angélica. Múltipla pertença religiosa. In: RIBEIRO, Claudio de Oliveira; ARAGÃO, Gilbraz; PANASIEWICZ, Roberlei (org.). *Dicionário do pluralismo religioso*. São Paulo: Recriar, 2020, p. 156-161.

TOSTES, Angélica; RIBEIRO, Claudio de Oliveira. Polidoxia, entrelugares e fronteiras da cultura e pluralismo religioso. *Reflexão*, Campinas, PUC-Campinas, n. 45, e204892, 2020.

VIGIL, José Maria. *Teologia do pluralismo religioso: para uma releitura pluralista do cristianismo*. São Paulo, Paulus, 2006.

WALLERSTEIN, Immanuel. *World-Systems Analysis: An Introduction*. Durham & London: Duke University Press, 2004.

WALSH, Catherine. Interculturalidad crítica/pedagogia decolonial: apuestas (des)de el in-surgir, re-existir y re-vivir. In: Memórias del Seminario Internacional “Diversidad, Interculturalidad y Construcción de Ciudad”. Bogotá: Universidad Pedagógica Nacional, 2007.

WALSH, Catherine. *Interculturalidad, estado, sociedad: luchas (de) coloniales de nuestra época*. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar/ Abya Yala, 2009.

WIRTH, Lauri. Religião e epistemologias pós-coloniais. In: PASSOS, J. D; USARSKI, F. (org.). *Compêndio de ciência da religião*. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2013. p. 129-142.

# Claudio de Oliveira Ribeiro



**C**laudio de Oliveira Ribeiro possui formação acadêmica, experiência docente e de pesquisa na área de Ciências da Religião e Teologia. É professor do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora. O doutorado (2000) e o mestrado (1994) em Teologia foram realizados na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Realizou estágio de pesquisa pós-doutoral em Teologia, na Southern Methodist University (Texas) (2015), com o tema “Pluralismo religioso, democracia e direitos humanos”, e em Ciências da Religião na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (2018), com o tema “Movimentos inter-religiosos, política e espaço público no Brasil”. Atua na área de assessoria a comunidades eclesiais de base, organismos ecumênicos e movimentos inter-religiosos. Integrou os conselhos diretor e científico da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Teologia e Ciências da Religião (Anptecre) no período 2012-2017. Integrou a coordenação da Capes para Pós-graduação Profissional – área “Ciências da Religião e Teologia”, no período 2018-2022. Autor de vários artigos científicos e livros, entre eles O princípio pluralista (Loyola, 2020).

## ARTIGOS DE CLAUDIO DE OLIVEIRA RIBEIRO REPRODUZIDOS PELO IHU

- [Cadernos Teologia Pública N. 145 O debate sobre o princípio pluralista: um balanço das reflexões sobre o princípio pluralista e suas aplicações - Claudio de Oliveira Ribeiro](#)
- [Cadernos Teologia Pública N. 128 O Princípio Pluralista - Claudio de Oliveira Ribeiro](#)

## CADERNOS DE TEOLOGIA PÚBLICA

- N. 1 Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI – Johan Konings, SJ
- N. 2 Teologia e Espiritualidade. Uma leitura Teológico-Espiritual a partir da Realidade do Movimento Ecológico e Feminista – Maria Clara Bingemer
- N. 3 A Teologia e a Origem da Universidade – Martin N. Dreher
- N. 4 No Quarentenário do Lumen Gentium – Frei Boaventura Kloppenburg, OFM
- N. 5 Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner – Érico João Hammes
- N. 6 Teologia e Diálogo Inter-Religioso – Cleusa Maria Andreatta
- N. 7 Transformações recentes e perspectivas de futuro para a ética teológica – José Roque Junges, SJ
- N. 8 Teologia e literatura: profetismo secular em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos – Carlos Ribeiro Caldas Filho
- N. 9 Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões – Rudolf Eduard von Sinner
- N. 10 O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso – Michael Amalados, SJ
- N. 11 A teologia em situação de pós-modernidade – Geraldo Luiz De Mori, SJ
- N. 12 Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema – Pedro Gilberto Gomes, SJ
- N. 13 Teologia e Ciências Sociais – Orivaldo Pimentel Lopes Júnior
- N. 14 Teologia e Bioética – Santiago Roldán García
- N. 15 Fundamentação Teológica dos Direitos Humanos – David Eduardo Lara Corredor
- N. 16 Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento – João Batista Libânio, SJ
- N. 17 Por uma Nova Razão Teológica. A Teologia na Pós-Modernidade – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 18 Do ter missões ao ser missionário – Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois do Vaticano II – Paulo Suess
- N. 19 A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg – 1ª parte – Manfred Zeuch
- N. 20 A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg – 2ª parte – Manfred Zeuch
- N. 21 Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo – Karl-Josef Kuschel
- N. 22 Terra habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs – Jacques Arnould
- N. 23 Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 24 O estudo teológico da religião: Uma aproximação hermenêutica – Walter Ferreira Salles
- N. 25 A historicidade da revelação e a sacramentalidade do mundo – o legado do Vaticano II – Frei Sinivaldo S. Tavares, OFM
- N. 26 Um olhar Teopoético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski – Joe Marçal Gonçalves dos Santos
- N. 27 Música e Teologia em Johann Sebastian Bach – Christoph Theobald
- N. 28 Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas – Karl-Josef Kuschel
- N. 29 Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino – Ana María Formoso
- N. 30 Espiritualidade e respeito à diversidade – Juan José Tamayo-Acosta

- N. 31 A moral após o individualismo: a anarquia dos valores – Paul Valadier
- N. 32 Ética, alteridade e transcendência – Nilo Ribeiro Junior
- N. 33 Religiões mundiais e Ethos Mundial – Hans Küng
- N. 34 O Deus vivo nas vozes das mulheres – Elisabeth A. Johnson
- N. 35 Posição pós-metafísica & inteligência da fé: apontamentos para uma outra estética teológica – Vitor Hugo Mendes
- N. 36 Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois – Joseph Comblin
- N. 37 Nas pegadas de Medellín: as opções de Puebla – João Batista Libânio
- N. 38 O cristianismo mundial e a missão cristã são compatíveis?: insights ou percepções das Igrejas asiáticas – Peter C. Phan
- N. 39 Caminhar descalço sobre pedras: uma releitura da Conferência de Santo Domingo – Paulo Suess
- N. 40 Conferência de Aparecida: caminhos e perspectivas da Igreja Latino-Americana e Caribenha – Benedito Ferraro
- N. 41 Espiritualidade cristã na pós-modernidade – Ildo Perondi
- N. 42 Contribuições da Espiritualidade Franciscana no cuidado com a vida humana e o planeta – Ildo Perondi
- N. 43 A Cristologia das Conferências do Celam – Vanildo Luiz Zugno
- N. 44 A origem da vida – Hans Küng
- N. 45 Narrar a Ressurreição na pós-modernidade. Um estudo do pensamento de Andrés Torres Queiruga – Maria Cristina Giani
- N. 46 Ciência e Espiritualidade – Jean-Michel Maldamé
- N. 47 Marcos e perspectivas de uma Catequese Latino-americana – Antônio Cechin
- N. 48 Ética global para o século XXI: o olhar de Hans Küng e Leonardo Boff – Águeda Bichels
- N. 49 Os relatos do Natal no Alcorão (Sura 19,1-38; 3,35-49): Possibilidades e limites de um diálogo entre cristãos e muçulmanos – Karl-Josef Kuschel
- N. 50 “Ite, missa est!”: A Eucaristia como compromisso para a missão – Cesare Giraudo, SJ
- N. 51 O Deus vivo em perspectiva cósmica – Elizabeth A. Johnson
- N. 52 Eucaristia e Ecologia – Denis Edwards
- N. 53 Escatologia, militância e universalidade: Leituras políticas de São Paulo hoje – José A. Zamora
- N. 54 Mater et Magistra – 50 Anos – Entrevista com o Prof. Dr. José Oscar Beozzo
- N. 55 São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I – Daniel Marguerat
- N. 56 Igreja Introversa: Dossiê sobre o Motu Proprio “Summorum Pontificum” – Andrea Grillo
- N. 57 Perdendo e encontrando a Criação na tradição cristã – Elizabeth A. Johnson
- N. 58 As narrativas de Deus numa sociedade pós-metafísica: O cristianismo como estilo – Christoph Theobald
- N. 59 Deus e a criação em uma era científica – William R. Stoeger
- N. 60 Razão e fé em tempos de pós-modernidade – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 61 Narrar Deus: Meu caminho como teólogo com a literatura – Karl-Josef Kuschel
- N. 62 Wittgenstein e a religião: A crença religiosa e o milagre entre fé e superstição – Luigi Perissinotto
- N. 63 A crise na narração cristã de Deus e o encontro de religiões em um mundo pós-metafísico – Felix Wilfred



- N. 64 Narrar Deus a partir da cosmologia contemporânea – François Euvé
- N. 65 O Livro de Deus na obra de Dante: Uma releitura na Baixa Modernidade – Marco Lucchesi
- N. 66 Discurso feminista sobre o divino em um mundo pós-moderno – Mary E. Hunt
- N. 67 Silêncio do deserto, silêncio de Deus – Alexander Nava
- N. 68 Narrar Deus nos dias de hoje: possibilidades e limites – Jean-Louis Schlegel
- N. 69 (Im)possibilidades de narrar Deus hoje: uma reflexão a partir da teologia atual – Deislando Nóbrega de Lima
- N. 70 Deus digital, religiosidade online, fiel conectado: Estudos sobre religião e internet – Moisés Sbardelotto
- N. 71 Rumo a uma nova configuração eclesial – Mario de França Miranda
- N. 72 Crise da racionalidade, crise da religião – Paul Valadier
- N. 73 O Mistério da Igreja na era das mídias digitais – Antonio Spadaro
- N. 74 O seguimento de Cristo numa era científica – Roger Haight
- N. 75 O pluralismo religioso e a igreja como mistério: A eclesiologia na perspectiva inter-religiosa – Peter C. Phan
- N. 76 50 anos depois do Concílio Vaticano II: indicações para a semântica religiosa do futuro – José Maria Vigil
- N. 77 As grandes intuições de futuro do Concílio Vaticano II: a favor de uma “gramática gerativa” das relações entre Evangelho, sociedade e Igreja – Christoph Theobald
- N. 78 As implicações da evolução científica para a semântica da fé cristã – George V. Coyne
- N. 79 Papa Francisco no Brasil – alguns olhares
- N. 80 A fraternidade nas narrativas do Gênesis: Dificuldades e possibilidades – André Wénin
- N. 81 Há 50 anos houve um concílio...: significado do Vaticano II – Victor Codina
- N. 82 O lugar da mulher nos escritos de Paulo – Eduardo de la Serna
- N. 83 A Providência dos Profetas: uma Leitura da Doutrina da Ação Divina na Bíblia Hebraica a partir de Abraham Joshua Heschel – Élcio Verçosa Filho
- N. 84 O desencantamento da experiência religiosa contemporânea em House: “creia no que quiser, mas não seja idiota” – Renato Ferreira Machado
- N. 85 Interpretações polissêmicas: um balanço sobre a Teologia da Libertação na produção acadêmica – Alexandra Lima da Silva & Rhaissa Marques Botelho Lobo
- N. 86 Diálogo inter-religioso: 50 anos após o Vaticano II – Peter C. Phan
- N. 87 O feminino no Gênesis: A partir de Gn 2,18-25 – André Wénin
- N. 88 Política e perversão: Paulo segundo Žižek – Adam Kotsko
- N. 89 O grito de Jesus na cruz e o silêncio de Deus. Reflexões teológicas a partir de Marcos 15,33-39 – Francine Bigaouette, Alexander Nava e Carlos Arthur Dreher
- N. 90 A espiritualidade humanística do Vaticano II: Uma redefinição do que um concílio deveria fazer – John W. O’Malley
- N. 91 Religiões brasileiras no exterior e missão reversa – Vol. 1 – Alberto Groisman, Alejandro Frigerio, Brenda Carranza, Carmen Sílvia Rial, Cristina Rocha, Manuel A. Vázquez e Ushí Arakaki
- N. 92 A revelação da “morte de Deus” e a teologia materialista de Slavoj Žižek – Adam Kotsko
- N. 93 O êxito das teologias da libertação e as teologias americanas contemporâneas – José Oscar Beozzo
- N. 94 Vaticano II: a crise, a resolução, o fator Francisco – John O’Malley
- N. 95 “Gaudium et Spes” 50 anos depois: seu sentido para uma Igreja aprendente – Massimo Faggioli





- N. 96 As potencialidades de futuro da Constituição Pastoral
- N. 97 500 Anos da Reforma: Luteranismo e Cultura nas Américas – Vítor Westhelle
- N. 98 O Concílio Vaticano II e o aggiornamento da Igreja – No centro da experiência: a leitura, uma leitura contextual da Escritura e o diálogo – Gilles Routhier
- N. 99 Pensar o humano em diálogo crítico com a Constituição *Gaudium et Spes* – Geraldo Luiz De Mori
- N. 100 O Vaticano II e a Escatologia Cristã: Ensaio a partir de leitura teológico-pastoral da *Gaudium et Spes* – Afonso Murad
- N. 101 Concílio Vaticano II: o diálogo na Igreja e a Igreja do Diálogo – Elias Wolff
- N. 102 A Constituição Dogmática *Dei Verbum* e o Concílio Vaticano II – Flávio Martinez de Oliveira
- N. 103 O pacto das catacumbas e a Igreja dos pobres hoje! – Emerson Sbardelotti Tavares
- N. 104 A exortação apostólica *Evangelii Gaudium*: Esboço de uma interpretação original do Concílio Vaticano II – Christoph Theobald
- N. 105 Misericórdia, Amor, Bondade: A Misericórdia que Deus quer – Ney Brasil Pereira
- N. 106 Eclesialidade, Novas Comunidades e Concílio Vaticano II: As Novas Comunidades como uma forma de autorrealização da Igreja – Rejane Maria Dias de Castro Bins
- N. 107 O Vaticano II e a inserção de categorias históricas na teologia – Antonio Manzatto
- N. 108 Morte como descanso eterno – Luís Inácio João Stadelmann
- N. 109 Cuidado da Criação e Justiça Ecológica-Climática. Uma perspectiva teológica e ecumênica – Guillermo Kerber
- N. 110 A Encíclica *Laudato Si'* e os animais – Gilmar Zampieri
- N. 111 O vínculo conjugal na sociedade aberta. Repensamentos à luz de *Dignitatis Humanae* e *Amoris Laetitia* – Andrea Grillo
- N. 112 O ensino social da Igreja segundo o Papa Francisco – Christoph Theobald
- N. 113 Lutero, Justiça Social e Poder Político: Aproximações teológicas a partir de alguns de seus escritos – Roberto E. Zwetsch
- N. 114 *Laudato Si'*, o pensamento de Morin e a complexidade da realidade – Giuseppe Fumarco
- N. 115 A condição paradoxal do perdão e da misericórdia. Desdobramentos éticos e implicações políticas – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 116 A Igreja em um contexto de “Reforma digital”: rumo a um *sensus fidelium* digitalis? Moisés Sbardelotto
- N. 117 *Laudato Si'* e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: uma convergência? – Gaël Giraud e Philippe Orliange
- N. 118 Misericórdia, Compaixão e Amor: O rosto de Deus no Evangelho de Lucas – Illo Perondi e Fabrizio Zandonadi Catenassi
- N. 119 A constituição da Dignidade Humana: aportes para uma discussão pós-metafísica – Thyeles Moratti Precilio Borcarte Strelhow
- N. 120 Renovação do espaço público: pentecostalismo e missão em perspectiva política – Amos Yong
- N. 121 Viver as Bem-aventuranças numa Igreja em saída – Tea Frigerio
- N. 122 Ser e Agir, o Reino e a Glória: a *Oikonomia* Trinitária e a bipolaridade da máquina governamental – Colby Dickinson
- N. 123 A sensibilidade religiosa de Thoreau – Edward F. Mooney
- N. 124 Diáconas na Igreja Maronita – Phyllis Zagano
- N. 125 Comportamentos normatizados e a noção de profanação: uma reflexão em Giorgio Agamben – Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 126 Teologalidade das resistências e lutas populares – Francisco de Aquino Júnior

- N. 127 A glória como arcano central do poder e os vínculos entre oikonomia, governo e gestão - Colby Dickinson
- N. 128 O Princípio Pluralista - Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 129 Deus e o Diabo na política: compaixão e vocação profética - Ivone Gebara
- N. 130 Deslocamentos genealógicos da economia teológica segundo Agamben - Joel De-cothé Junior
- N. 131 A Heterodoxia do Pseudo-Dionísio: hierarquia e burocracia na Teologia Medieval - Gerson Leite de Moraes e Daniel Nagao Menezes
- N. 132 O pensamento de Jorge Mario Bergoglio. Os desafios da Igreja no mundo contemporâneo - Massimo Borghesi
- N. 133 Os documentos eclesiais pós-sinodais "Familiaris Consortio" de Wojtyła e "Amoris Laetitia" de Bergoglio como respostas aos desafios da pastoral matrimonial - José Roque Junges
- N. 134 A universalidade e o (não) lugar político da Igreja no mundo de hoje. A eclesiologia da globalização de Francisco - Massimo Faggioli
- N. 135 A ética social do Papa Francisco: O Evangelho da misericórdia segundo o espírito de discernimento - Juan Carlos Scannone S.I.
- N. 136 Amoris Laetitia: aspectos antropológicos e metodológicos e suas implicações para a teologia moral - Todd A. Salzman e Michael G. Lawler
- N. 137 A Teologia da Missão à luz da Exortação Apostólica Evangelii gaudium - Paulo Suess
- N. 138 O pontificado de Francisco e o laicato na missão da Igreja hoje. Avanços e impasses da "parrésia eclesial" - Andrea Grillo
- N. 139 A Opção de Francisco: como evangelizar um mundo em mudança? - Austen Ivereigh
- N. 140 A liturgia, 50 anos depois do Concílio Vaticano II: marcos, desafios, perspectivas - Andrea Grillo
- N. 141 Franciscus non cantat: Um discurso, alguns percursos e ressonâncias acerca da música litúrgica pós-conciliar - Márcio Antônio de Almeida
- N. 142 Para além do limiar do Templo: apontamentos éticos para uma pastoral em modo on-line - Thiago Isaias Nóbrega de Lucena e José Joanees Souza Oliveira
- N. 143 A Conversão de Agostinho de Hipona, interpretada em reflexões sobre a expressão Intellige Ut Credas - Orlando Polidoro Junior
- N. 144 Teologia Pública e Práxis Pastoral: considerações em vista de uma Pastoral Pública - Luis Carlos Dalla Rosa
- N. 145 O debate sobre o princípio pluralista: um balanço das reflexões sobre o princípio pluralista e suas aplicações - Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 146 Juventudes e vivência ecumênica - Rosemary Fernandes da Costa
- N. 147 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte I - O fim de um mundo? - Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães
- N. 148 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte II - As dores do parto - Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães
- N. 149 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte III - Vinho novo, odres novos - Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães
- N. 150 O Papa Francisco, a Igreja e a ética teológica. Alguma coisa mudou? - Michael G. Lawler e Todd A. Salzman
- N. 151 Igreja em saída para as periferias sociais e existenciais. O problema espiritual da missão - Rogério L. Zanini
- N. 152 Fratelli Tutti: um guia de leitura - Gilmar Zampieri
- N. 153 A Igreja e as uniões do mesmo sexo: O Responsum e suas implicações pastorais - Michael G. Lawler e Todd A. Salzman
- N. 154 A Igreja e a união de pessoas do mesmo sexo: O Responsum e a possibilidade de novas abordagens - Andrea Grillo



- N. 155 Gustavo Gutierrez: servidor dos pequenos e teólogo da libertação - José Oscar Beozzo
- N. 156 O ensino moral da Igreja no pontificado do Papa Francisco: avanços, desafios e perspectivas - Todd A. Salzman e Michael G. Lawler
- N. 157 Razão pública e sociedade pós-secular: o diálogo entre cidadãos religiosos e secularizados no pensamento de Jürgen Habermas - Emerson Silva
- N. 158 Valores cristãos, valores seculares e por que eles precisarão um do outro na década de 2020 - Alec Ryrie
- N. 159 O grito de abandono de Jesus na cruz e o silêncio de Deus: reflexões à luz do Evangelho de Marcos - Junior Vasconcelos do Amaral
- N. 160 O pós-teísmo como superação dialética do teísmo - Santiago Villamayor
- N. 161 A fé cristã na ressurreição e a crise da linguagem religiosa na pós-modernidade - Ferdinando Sudati
- N. 162 O rio e a cisterna. Superar permanentemente toda forma de teísmo - Paolo Scquizzato
- N. 163 Diante de um cristianismo moribundo, a proposta de um cristianismo adulto: um olhar sobre o pós-teísmo - Beatrice Iacopini
- N. 164 “*Gloria Victis – ainda que tarde!*” Pelo reconhecimento de santidade de São Sepé Tia-rajú - Luiz Carlos Susin
- N. 165 O Sínodo da Amazônia, Querida Amazonia e as mulheres - Phyllis Zagano
- N. 166 O cristianismo e a revelação de Deus em tempos de irrelevância cristã - Francesco Cosentino
- N. 167 O magistério do Papa Francisco em tempos de guerra - Andreas Gonçalves Lind
- N. 168 Thomas Merton, leitor de Sigmund Freud e Carl Jung - Nilson Perissé
- N. 169 Meu Cristo Mutilado. Fundamento de minhas esperanças - Pedro Gilberto Gomes
- N. 170 A “Opção Francisco” e o caminho da sinodalidade - Phyllis Zagano
- N. 171 Uma realidade para além da vontade: Agostinho, IA e a vindicação da teofania - Jordan Joseph Wales
- N. 172 A Opção Francisco e a reforma da Igreja. Desafios e perspectivas - Massimo Faggioli
- N. 173 Diaconato feminino na história da Igreja - Guillermo Daniel Micheletti
- N. 174 Pensar a transformação missionária da Igreja a partir dos “fiéis não tão praticantes...” - Valérie Le Chevalier
- N. 175 Mulheres, Igreja, Sinodalidade. Esperanças e expectativas - Maria Cristina S. Furtado, Alzirinha Souza, Ivenise T. Gonzaga Santinon, Maria Inês de Castro Millen e Maria Clara Lucchetti Bingemer
- N. 176 Mais azul que rosa: moral sexual católica e comunidade LGBTQIA+ - Leomar Nascimento de Jesus
- N. 177 A Igreja é uma mulher: misoginia magisterial, mulheres míticas e feminilidade mimética - Tina Beattie

 UNISINOS